

Da recepção à pulsão: notas sobre *O lustre*, de Clarice Lispector

Mariângela Alonso

Resumo

Decorridos setenta e três anos da estreia de Clarice Lispector em nossas letras, continua insuficiente a avaliação crítica de *O lustre*, segundo romance da autora, publicado em 1946. A partir dessa constatação, a discussão a ser desenvolvida nesta pesquisa dividir-se-á em dois momentos. No primeiro, resgataremos ensaios e artigos críticos acerca da recepção da obra. Embora seja constantemente comparado a *Perto do coração selvagem*, primeiro livro da escritora, *O lustre* apresenta uma escrita deformante, ao contrário de uma escrita fluida e derramada, conforme apontaram os estudiosos que, na ocasião do lançamento, o equipararam ao livro de estreia, contribuindo, assim, com a herança lacunar da crítica. Constantemente, os estudos atuais têm tomado por base a leitura destes críticos, desconhecendo um grande número de textos que dão corpo à fortuna crítica do romance, os quais compõem o inventário de Clarice Lispector localizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Nesse sentido, procuraremos elucidar pontos cegos da crítica, relativizando algumas afirmações ao procurarmos outros aspectos presentes na obra. No segundo momento, analisaremos a escrita de *O lustre*, marcada pelo sema da água e o embate entre vida e morte. Matriz marcadamente interventiva, a água surge como elemento estruturador e mediador dos movimentos pulsionais de vida e morte na trajetória da personagem Virgínia. O discurso apresenta-se de modo fragmentário e elíptico, e as mudanças bruscas difundem no texto uma espécie de dinâmica que tensiona a liquidez deformante da água, cujo signo se acopla a imagens grotescas, gerando a convivência entre vida e morte, fluxo e corte, fluidez e embate, claridade e sombreamento. A discussão será empreendida pela interface entre literatura e psicanálise, compreendendo especialmente as teorias de Sigmund Freud a respeito das pulsões, e os estudos de Gaston Bachelard em torno do psiquismo hidrante.

Palavras-chave

Clarice Lispector; *O lustre*; pulsão; água

1 Doutora em Estudos Literários pela Unesp/Fclar. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) sob supervisão da Profa. Dra. Yudith Rosenbaum. É docente de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: malonso924@gmail.com.

O lustre representa uma das obras menos estudadas, comentadas e traduzidas de Clarice Lispector, jamais recebendo da crítica uma avaliação mais completa e satisfatória, tal como ocorre com os outros romances da autora. A narrativa aborda a história de Virgínia, desde sua infância em Granja Quieta até sua maturidade e ida para a cidade grande, onde morrerá tragicamente por atropelamento.

Na obra, a trajetória da personagem é marcada pelos deslocamentos espaciais entre o campo e a cidade e sua inadaptação a qualquer um desses lugares. A discussão desenvolvida nesta pesquisa dividir-se-á em dois momentos. No primeiro pretendemos resgatar ensaios e artigos críticos acerca da recepção do romance. Embora seja constantemente comparado a *Perto do coração selvagem*, primeiro livro da autora, *O lustre* apresenta uma escrita deformante, ao contrário de uma escrita fluida e derramada, conforme apontado pela crítica de Álvaro Lins, Sérgio Milliet e Gilda de Mello e Souza, estudiosos que, na ocasião do lançamento do romance e a partir de certa rigidez normativa, o equipararam ao livro de estreia, contribuindo com a herança lacunar da crítica. Constantemente, os estudos atuais têm tomado por base a leitura canônica destes críticos, desconhecendo um grande número de textos que dão corpo à fortuna crítica do romance, os quais compõem o inventário de Clarice Lispector localizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Escritos em jornais de diversas localidades do país, alguns destes recortes, guardados pela própria escritora, revelam opiniões diversas acerca da obra. É o caso dos textos de Maurício Vasques, Reynaldo Moura, José João de Oliveira Freitas, Luiz Delgado, entre outros. Desse modo, procuraremos elucidar pontos cegos da crítica, relativizando algumas afirmações ao procurarmos outros aspectos presentes na narrativa.

Assim, no segundo momento, analisaremos a escrita deste segundo romance, marcada pelo sema da água e o embate entre vida e morte. A cena inicial é construída em torno da sugestão de um afogamento, uma vez que Virgínia e o irmão Daniel observam do alto de uma ponte um chapéu arrastado pela correnteza do rio e decidem calar-se a respeito, pactuando um segredo. Tem início, então, um processo vertiginoso vivido

pela personagem, que, debruçada sobre a ponte, experimenta em devaneios o conhecimento da morte advinda das águas turvas.

Como parte do questionamento da escrita e do lugar de *O lustre* na obra clariciana, interessa-nos discutir o sema da água como elemento estruturador dos movimentos pulsionais de vida e morte no romance de Clarice Lispector. Ainda que a vida de Virgínia seja descrita em etapas e progressões lineares, o discurso apresenta-se de modo fragmentário e elíptico, e as mudanças bruscas, com fatos narrados de modo incompleto e lacunar, difundem no texto uma espécie de dinâmica que tensiona a liquidez deformante da água, cujo signo se acopla a imagens grotescas, gerando a convivência entre vida e morte, fluxo e corte, fluidez e embate, claridade e sombreamento. Tais imagens caracterizam-se por aspectos desagregadores, os quais negam a essência líquida e/ou fluida do sema da água. Justifica-se aí o aspecto de inacabamento observado na construção da personagem Virgínia, bem como a ausência de meios de demarcação de sentido de muitas cenas do romance.

Nesse sentido, a escrita aponta para o que não é dito, mas sugerido e implícito na trajetória de Virgínia, favorecendo o movimento conjunto de Eros (vida, ligação) e Thanatos (morte, rompimento), cujas existências são estabelecidas pelo conflito e conciliação constantes. O movimento entre as pulsões de vida e de morte propicia uma espécie de interstício, dispondo o ser humano num campo de resistências incontroláveis. Segundo Freud (1996), tais forças surgem amalgamadas, sustentando-se e afirmando-se contrariamente em estranha circularidade. Por sinal, a circularidade também constitui um dos aspectos estruturais de *O lustre*, uma vez que o enredo se inicia com a sugestão de uma morte por afogamento e termina com o falecimento de Virgínia, sendo constantemente entrecortado pelas imagens da água como mediadora do encontro das forças de Eros e Thanatos.

Portanto, tomaremos o sema da água como mediador de movimentos e forças pulsionais. Sobre esta questão, será de grande valia a discussão de Gaston Bachelard (1998) em torno do chamado “psiquismo hidrante”. O filósofo chama-nos a atenção para

as imagens substanciais da água, no que estas têm de profundidade, mistério e vertigem, além de traçar os aspectos que rondam a metáfora da “água imaginária” e sua ligação com outros elementos, especialmente com a terra. Pela ambivalência que carrega, a água pode ser vista como uma via de retorno às forças pulsionais, conjugando os papéis simbólicos de vida e morte. O aspecto híbrido de vida e morte contido no sema da água parte em *O lustre* do segredo acerca do afogamento, fato que habita o pensamento de Virgínia durante toda a narrativa. A história de Virgínia é feita de regressão às formas e mundos pulsionais, à água como princípio ou *arché* da busca pela compreensão de algo lacunar, inalcançável e inenarrável, anterior à própria linguagem. Tal como a dinâmica entre Eros e Thanatos, construção e desconstrução são aqui complementares e parecem proporcionar um jogo de espelhos invertidos e estilhaçados, balizado pela atuação do sema da água no plano da expressão. Nesse labirinto especular, a protagonista, sujeito errante entre o campo e a cidade, torna e retorna a si mesma como a água que corre para a nascente, encontrando simultaneamente vida e morte, escuridão e luz.

Nossa proposta consiste, basicamente, no questionamento e esclarecimento do lugar que *O lustre* ocupa no horizonte ficcional de Clarice Lispector. O resgate dos ensaios e artigos mencionados tem como uma de suas finalidades aprofundar a compreensão da obra *O lustre* e, concomitantemente, engendrar uma discussão mais completa e aprofundada acerca das leituras críticas da época de lançamento do livro de Clarice Lispector, especialmente no que toca à concepção de escrita fluida, visão perpetuada pela crítica em torno desse romance.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DELGADO, Luiz. Mundo trágico. *Jornal do Comércio*, Recife, 4 de agosto de 1946.

FREITAS, José João de Oliveira. O existencialismo na obra de Clarice Lispector. *Correio do Povo*, Porto Alegre. Não datado.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Tradução Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Vol. XVIII) (1925-1926).

_____. O ego e o id e outros trabalhos. In: In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Vol. XIX) (1923-1925).

LINS, Álvaro. Jornal de crítica: romances. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1946.

LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. Vol. 4. São Paulo: Martins, 1981.

MOURA, Reynaldo. *O lustre. Província de São Pedro*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Publicações da Editora Globo, 1947. p. 42-45.

SOUZA, Gilda de Mello e. O lustre. *Remate de males*. n. 9. 1989. p. 171-175.

VASQUES, Maurício. *O lustre: um romance não como os outros. Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 6 de abril de 1946. p. 2.